

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

AMANDA MOURA CARNEIRO

LEV N. TOLSTÓI: ESTUDOS INICIAIS E PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO

MARINGÁ
2016

AMANDA MOURA CARNEIRO

LEV N. TOLSTÓI: ESTUDOS INICIAIS E PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia na
disciplina 4728 – Trabalho de Conclusão de
Curso como requisito parcial para
cumprimento das atividades exigidas.

Coordenação: Professora Dra. Cristina de
Amorim Machado e Professora Dra. Aline
Frollini Lunardelli Lara.

Orientação: Professora Dra. Marta Chaves.

MARINGÁ
2016

AMANDA MOURA CARNEIRO

LEV N. TOLSTÓI: ESTUDOS INICIAIS E PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Maringá como
requisito parcial para a obtenção do título de
Graduação em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Chaves (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Ma. Eloiza Elena da Silva
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Me Vinícius Stein
Universidade Estadual de Maringá

MARINGÁ, ____ DE _____ DE 2016.

Dedico este trabalho primeiramente e principalmente a Deus, por todas as bênçãos em minha vida e por me dar a alegria de conviver com meus maravilhosos pais, Joana D'Arc e Nelson, e ao meu doce e paciente namorado Pedro Henrique a quem agradeço de todo meu coração por toda a dedicação.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas foram extremamente importantes no processo de elaboração deste trabalho, por isso devem ser registrados meus mais profundos agradecimentos. Sem esses queridos, os resultados deste estudo não seriam os mesmos, foi graças a vocês que um trabalho tão árduo se elaborou cheio de significado e desenvolvimento para mim. Sendo assim agradeço de todo o meu coração:

À Deus, por sempre me amar, não me desamparar e me manter firme na fé e no amor para superar todos os desafios que a vida nos traz, pois somente quando vencemos esses percalços construímos uma vida significativa e plena.

Aos meus pais Joana D'Arc Rodrigues de Moura Carneiro e Nelson Carneiro, por todo o amor e dedicação, tanto pela minha vida, meu cuidado, quanto pelos meus estudos, agradeço também pelo exemplo de honestidade e força que sempre me deram e por todo o incentivo e orações para que hoje eu pudesse ser quem eu sou.

Ao meu amado e querido namorado Pedro Henrique de Castro Botura, por todo amor, apoio, dedicação, compreensão e paciência que tem comigo não apenas no período de realização deste trabalho, mas em todos os momentos em que estamos juntos, por sempre me motivar com palavras carinhosas quando o cansaço tomava conta e por dividir comigo todos os sonhos para o futuro.

À minha Professora e orientadora Dra. Marta Chaves, por mobilizar em mim o desejo de estudo do tema de nosso trabalho, pelo amparo nas pesquisas e os ensinamentos cotidianos, que nos apropriamos e aprimoramos, sempre em espírito de coletividade. Agradeço por sua leveza, carinho e compreensão nessa trajetória.

Aos meus familiares, em especial meu irmão Nelson Junior que sempre esteve ao meu lado, se preocupando comigo, à minha avó Genessi que além de segunda mãe é uma amiga, exemplo de amor e delicadeza e ao meu avô Wanderley que nunca mediu esforços para contribuir com nosso crescimento.

Às minhas amadas e lindas amigas Gabriela, Camila e Larissa, obrigada por contribuírem para o meu crescimento, por todo apoio, compreensão, auxílio, broncas, carinho e manifestações de afeto em público. Construimos laços de amor verdadeiro que se iniciaram durante o começo do curso, mas que com toda a certeza durará para toda a vida.

Às queridas amigas irmãs, Lais, Vanessa e Daniele que estão ao meu lado durante muitos anos, por todo amor, paciência, carinho, amizade e incentivo, colaborando para que eu pudesse concluir mais uma etapa de minha vida.

Ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil (GEEI), por todo afeto e amor, pelas amizades que conquistei e por me acolherem e possibilitarem vivências significativas em minha vida, contribuindo para a minha formação e desenvolvimento, pessoal e profissional.

Aos queridos professores Me. Vinícius Stein por contribuir de maneira importante para nosso grupo e principalmente para minha formação acadêmica, bem como as palavras de incentivo e amor e a Ma. Eloiza Elena da Silva por aceitarem participar da banca examinadora do trabalho.

“Vocês não sabem o que é felicidade, não sabem o que é vida. É preciso saboreá-la em toda a sua beleza natural, é preciso ver e compreender o que tenho todos os dias diante dos meus olhos – a eterna e inacessível neve no cume das montanhas e uma mulher dotada de toda a dignidade e de toda a beleza primitiva que devia ser a primeira mulher quando saiu das mãos do Criador – e só então ficará bem claro qual de nós – vocês ou eu – está se arruinando e quem de nós vive verdadeiramente...”

L. N. Tolstói

CARNEIRO, A. M. **Lev N. Tolstói**: estudos iniciais e proposições para o ensino. 2016. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora Dra. Marta Chaves. Maringá, 2016.

RESUMO

Neste trabalho estudamos as proposições e orientações pedagógicas de Lev Nikolàievitch Tolstói (1828-1910), destacando a contribuição de seus escritos para a educação da população russa. O presente estudo de cunho bibliográfico, tem como objetivo descrever os aspectos econômicos e políticos do período de vida de Tolstói, contextualizar os aspectos bibliográficos referentes à educação e particularmente sua história de vida. A determinação em alfabetizar a população russa contribuiu para o debate acerca da necessidade de uma escola pública para filhos de camponeses. Os materiais pedagógicos criados pelo referido autor, foram aplicados em Iasnaia Poliana em prol da alfabetização dos camponeses. A obra de Tolstói contribui para refletirmos sobre a educação na atualidade, no tocante à cursos de formação de professores, bem como sua formação contínua, para reproduzir em sala de aula os ensinamentos do autor.

Palavras-chave: Tolstói. Educação. Alfabetização.

CARNEIRO, A. M. **Leon. Tolstoy**: Initial Studies and Proposals for Teaching. 2016. 47p. Undergraduation Monography – Maringá State University. Advisor: PhD. Marta Chaves. Maringá, 2016.

ABSTRACT

This paper studies propositions and pedagogical orientation from Lev Nikolaievitch Tolstói (1828-1910), highlighting the contributions of his ideas to Russian popular education. The present study has a bibliographic character and aims at describing political and economic aspects of the period in which Tolstói lived. The resolution in alphabetizing the Russian population inflamed the debate on the necessity of a school for peasant children. Pedagogical materials created by Tolstói were applied in Iasnaia Poliana in favor of peasant education. Tolstói's work contribute to a current reflection on education.

Key words: Tolstói. Education. Literacy.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	2
1	LEV N. TOLSTÓI: ESTUDOS E TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE UM PEDAGOGO RUSSO.....	7
2	ESTUDOS INICIAIS: AS PRINCIPAIS IDEIAS DE TOLSTÓI PARA A EDUCAÇÃO E A SUA ATIVIDADE PEDAGÓGICA	22
2.1	ESTUDOS INICIAIS: APONTAMENTOS DE TOLSTÓI PARA A EDUCAÇÃO E A SUA ATIVIDADE PEDAGÓGICA	27
2.2	A REVISTA DE IASNAIA POLIANA: ARTIGOS PEDAGÓGICOS	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A motivação para estes estudos se desenvolveu no decorrer de nossa trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Maringá (UEM), por meio do Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação Infantil (GEEI)¹, coordenado pela professora Dra. Marta Chaves, orientadora deste trabalho. O ingresso no Grupo ocorreu no ano de 2014 e foi mediante esta participação que se efetivaram as primeiras aproximações com os escritos e as elaborações de Lev Nikolaievitch Tolstói, por meio de estudos iniciais do livro “Imaginação e criação na infância”, de L. S. Vigotski (2009), no qual o autor faz referências a Lev N. Tolstói (1828 – 1910) e sua forma de ensinar.

Para o presente estudo, foram estabelecidas a seguinte questão: Como as elaborações de Tolstói podem contribuir para a educação na atualidade? Para responder a essa pergunta, o presente estudo, tem como objetivo descrever os aspectos econômicos e políticos do período de vida de Tolstói, contextualizar os aspectos bibliográficos referentes à educação e particularmente a sua história de vida.

As reflexões sobre a questão de pesquisa aumentam nossa preocupação com a formação de professores, bem como a busca de estudos contínuos que venham dar sentido e significado à prática pedagógica junto aos escolares, com vista à sua formação integral.

Assim, desenvolvemos esta pesquisa a partir de pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, segundo a qual processo educativo é organizado na lógica das

¹ O Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil (GEEI) foi constituído a partir do Grupo de Estudos em Educação Infantil, um desdobramento do Projeto de Ensino intitulado “Natureza e Sociedade: conteúdo apresentado às crianças através da Literatura Infantil”, iniciado no ano de 2003 e finalizado em 2004, realizado junto ao Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM, e é coordenado pela Professora Dr.^a Marta Chaves. O Grupo é formado por alunos e docentes dessa universidade, além de docentes convidados de outras Instituições de Ensino Superior do Paraná e São Paulo. Os objetivos do Grupo são pesquisar e socializar estudos afetos à formação dos profissionais que atuam com crianças dos primeiros meses aos cinco e seis anos, bem como investigar práticas pedagógicas realizadas nas instituições de Educação Infantil. Os integrantes do Grupo organizam pesquisas e atuam em cursos de formação continuada junto a Secretarias Municipais de Educação do Estado do Paraná. Os estudos e intervenções dos pesquisadores amparam-se nos pressupostos do marxismo e da Teoria Histórico-Cultural. (CHAVES; M.; SILVA, C. A.; STEIN, V. **Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil (GEEI)**: contribuições para a formação do pedagogo. Maringá, 2013).

máximas elaborações humanas², por meio dos conhecimentos sistematizados historicamente pela humanidade. Assim, acentuaram nossa necessidade de compreender as possibilidades de práticas educativas humanizadoras nas salas de aulas e outros espaços escolares, com o intuito de potencializar as funções psicológicas superiores dos educandos, tais como: memória, atenção, linguagem, entre outras. Nesse modo de condução, conciliam-se os escritos do pensador clássico Tolstói com a Teoria Histórico Cultural.

Nesse sentido, entendemos que a Teoria Histórico-Cultural bem como seus fundamentos filosóficos apresentam subsídios teórico-metodológicos para uma reflexão sobre os desafios da escola na atualidade, pois em nosso entendimento, precisamos refletir sobre a importância dos clássicos, desconsiderando a ideia de que o clássico é ultrapassado ou de difícil compreensão. Os clássicos respondem as questões de sua época, mas ainda hoje, podem contribuir para questões atuais.

Dentre os escritos sobre o autor, temos como obra/estudo de referência: o livro escrito por Lev N. Tolstói (1988), intitulado: “Obras Pedagógicas”, a dissertação de mestrado de Belkiss Rabelo (2009), o trabalho de Especialização de Claudemir Valério Maia (2010) “Contribuições de Lev N. Tolstói para Formação Educacional do Homem Russo”, e o capítulo “O Profeta” do livro “História das ideias e movimentos anarquista”, escrito por George Woodcock, essas obras são referentes à sua biografia, que se atentam aos aspectos históricos do período que levaram o autor a pensar na educação libertária e desenvolver em sua propriedade de Iasnaia Poliana uma escola que pudesse ensinar os filhos dos camponeses, bem como criar materiais pedagógicos em prol da alfabetização de seus alunos, naquele período.

Cabe ressaltar que levamos em consideração o fato desse tema ser pouco contemplado e conhecido no âmbito educacional. Por exemplo, no decorrer da graduação até o momento de ingresso no Grupo de Pesquisa não havíamos tido contato com as obras deste autor, tampouco com escritos que o citassem. Ressalte-se, também, que as contribuições do método de ensino e da pedagogia libertária de Tolstói ainda hoje são relevantes para a educação contemporânea no ato de alfabetizar e educar.

² CHAVES, M. A formação e a educação da criança pequena: os estudos de Vigotski sobre a arte e suas contribuições às práticas pedagógicas para as instituições de educação infantil. Araraquara, 2011. Trabalho de Pós Doutorado junto à Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), sob a supervisão do Prof. Dr. Newton Duarte.

Portanto, ao longo de nossa trajetória no grupo GEEI verificamos a ausência de trabalhos que tratassem do tema “Tolstói e sua preocupação com a educação”, a partir disso se efetivou a consolidação do nosso tema de estudo e a compreensão da importância da formação de professores e do estudo dos clássicos como Tolstói, que apesar de suas contribuições ainda não é conhecido como deveria no âmbito educacional.

Naqueles estudos iniciais, foi destacado que o autor realizou intensos estudos no campo da pedagogia. Algumas de suas obras de maior reconhecimento literário foram os romances *Guerra e Paz* (1865)³ e *Anna Karenina* (1875 – 1867)⁴, suas obras são consideradas verdadeiros clássicos devido ao seu valor literário e cultural. Na década de 1850, percebendo as dificuldades da educação do meio rural, Tolstói organizou em Iasnaia Poliana, localizada a 160 km de Moscou, na região de Tula, uma escola que pudesse atender aos filhos dos camponeses e assim a definiu:

A escola de Iasnaia Poliana era semelhante às escolas russas e da Europa Ocidental apenas externamente. L. Tolstói estabeleceu nessa escola uma ordem em conformidade com o seu programa. Os alunos foram divididos em três grupos etários: primário, médio, superior. Cada professor devia lecionar cinco ou seis aulas por dia. As aulas começavam às nove da manhã. Ao meio dia, das 12 às 15 horas, havia um intervalo para o almoço e para descansar. Nesse período, as crianças podiam ir a casa, mas a maioria passava o tempo na escola. Depois do intervalo, havia aulas durante mais 3 ou 4 horas [...]. A forma principal de aulas era a conversa livre do professor com os alunos.

³ Com centenas de personagens e mais de mil páginas na versão original, *Guerra e paz* é considerado um dos maiores romances da história. O enredo deste clássico da literatura russa se passa durante a campanha de Napoleão na Áustria, e descreve a invasão da Rússia pelo exército francês e a sua retirada, compreendendo o período de 1805 a 1820. Trata-se de um painel profundo e verdadeiro da aristocracia russa, pois foi escrito por alguém de dentro dela. As duas principais famílias retratadas – Rostov e Bolkonski – representam as famílias Tolstói e Volkonski, respectivamente do pai e da mãe do autor, Liev Tolstói. *Guerra e paz* retrata ainda o preconceito e a hipocrisia da nobreza, e também suas tradições religiosas, ao lado da vida cotidiana dos soldados e dos servos. Ambientado na Rússia do início do século XIX, o romance lida com temas essenciais à vida contemporânea: a guerra e a paz. Tolstói narra as guerras entre o imperador francês Napoleão e as principais monarquias da Europa, dissecando causas, origens e consequências dos conflitos e, principalmente, expondo os homens e suas fraquezas (COMPANHIA DAS LETRAS. *Guerra e Paz*. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12516>>. Acesso em: 11 ago. 2015).

⁴ Obra prima do Realismo, *Anna Karenina* é um romance circular (se inicia com a morte violenta de um trabalhador e termina da mesma forma, com o suicídio de Anna) que trata de assuntos de interesse atual através da análise de três relações amorosas: a de Dolly e Oblonsky, de Kitty e Levin e, enfim, Anna e Vronsky. Como um testemunho sobre o que Tolstoy pensava sobre o matrimônio (tema também tratado no curto romance *Sonata a Kreutzer*, em que um marido assassina a mulher considerada infiel), a obra se baseia em um casamento fracassado, o de Dolly e Oblonsky, irmão de Anna. Em São Petersburgo é chamada pelo irmão para interceder a seu favor com sua mulher, que descobriu sua infidelidade (MILAN, Pietro. Segundo Plano. Disponível em: <<http://segundo-plano.com/livro-anna-karenina/>>. Acesso em: 29 dez. 2015).

Com a ajuda deste método, as crianças aprendiam a ler e a escrever, aritmética, religião, regras gramaticais, estudavam noções, acessíveis na sua idade, de história russa, geografia e história natural. Aprendiam também os fundamentos do desenho e do canto (TOLSTÓI, 1988, p. 17).

Em nossos estudos iniciais, verificamos que a sociedade russa do final do século XIX, era constituída em sua grande maioria pelos povos que viviam em território rural. Segundo Maia (2010), havia também uma grande parte desta população composta por operários, intelectuais burocratas e, em menor quantidade, burgueses e alguns nobres.

Assim, no período que antecede à Revolução Russa de 1917, o país estava marcado pela miséria, e a maior parte da população vivia no campo. Destacamos que a Rússia no início do século XX ainda se encontrava sob o governo absolutista do czar Nicolau II.

Nesta época, o processo de industrialização acelerou-se ainda mais, porém o progresso econômico era acompanhado pelo aumento das dificuldades da estrutura czarista, pelo crescimento das manifestações políticas reformistas e pelo aumento das greves e dos movimentos revolucionários (SILVA, 2015, p. 33).

Neste contexto histórico, há a produção intelectual de Lev N. Tolstói (1828 – 1910) que, nascido em uma família aristocrata, decidiu deixar seu conforto e bens materiais para seguir uma vida de homem do campo buscando a simplicidade, pois acreditava como afirma Tolstói (1988), que a instrução popular era a única atividade consciente e legítima para alcançar a maior felicidade para a humanidade.

Em nosso estudo, foi realizado um levantamento dos aspectos econômicos e políticos do período histórico vivido por Tolstói, considerando-se que o autor cresceu em meio às revoluções, e discutiremos a concepção de educação do autor e sua luta para instituir uma educação para o campo.

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa com fundamentos nos Clássicos do Materialismo Histórico Dialético. O contexto histórico do período contribui para compreender as proposições de um autor e suas obras, pois é o referencial que permeia nossas pesquisas, o qual indica que a teoria – em nosso caso relacionada à educação – não pode ser explicada por si só, pois perde sua independência se a entendemos como desdobramento da atividade material dos homens. Assim, entendemos que nenhum fenômeno é compreendido isoladamente.

Nesse modelo, considerar o contexto de dada época contribui para a compreensão das elaborações de um determinado autor e de uma determinada obra; assim, ao atentarmos para a especificidade das obras de Tolstói, no período de maior intensidade em suas atividades pedagógicas que começa no ano de 1859 e segue até o final de sua vida, impõe-se como necessidade para considerarmos a dinâmica da sociedade em que o autor viveu. O que poderá contribuir de maneira essencial as nossas reflexões sobre a educação na atualidade.

Esta investigação é de cunho bibliográfico e de análise documental, com o propósito de conhecer as orientações pedagógicas de Lev N. Tolstói, destacando-se a contribuição de seus escritos para a instrução popular russa em seu período e também para a educação atual e está dividido da seguinte forma: primeiro apresentamos o contexto histórico do período de vida de L. N. Tolstói e sua biografia; na sequência são consideradas as pesquisas que contemplam as características da escola de Iasnaia Poliana e os métodos de ensinar também criados pelo autor, utilizado na escola, bem como a importância da revista de Iasnaia Poliana para o povo do campo; e finaliza com a importância dessa educação orientada por Tolstói para a atualidade.

2 LEV N. TOLSTÓI: ESTUDOS E TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE UM PEDAGOGO RUSSO

Nesta seção, relatamos o momento histórico vivido por Lev N. Tolstói (1828 – 1910), com ênfase no contexto econômico, político e social revolucionário em que viveu, bem como a educação proposta para a população russa camponesa naquele período. Além de apresentar o período histórico do autor, para a formação de um novo homem com liberdade, simplicidade que busca a verdade, trataremos também dos principais acontecimentos da época (1828 – 1910) para contribuir com nosso entendimento sobre as obras literárias, pedagógicas e a escola de lasnaia Poliana criada por Tolstói que se direcionavam à educação popular e libertária para os camponeses.

No final do século XVI, a Rússia tornou-se um Estado durante o comando de Ivan IV, que adotou o título de czar. Conforme Arruda (1998), o território russo era o maior império em terras ligadas do mundo, no século XIX, possuía 22 milhões de quilômetros quadrados, e, como esclarece Seriacopi (2005), por volta de 1914, a população chegava ao número de 174 milhões de pessoas, 85% deles no campo. A nobreza possuía quase metade das terras aráveis no século XVI e apesar disso, o país já passava por dificuldades no setor econômico, político e social.

O primeiro imperador russo foi Pedro I, conhecido como Pedro, O Grande (1696 – 1725). Uma de suas maiores realizações como governante, de acordo com Wood (1991), foi o estabelecimento da presença da Rússia como potência dominante no Norte e no Leste da Europa como consequência de sua vitória sobre os suecos na Grande Guerra do Norte (1700 – 1721).

Pedro, O Grande, remodelou o país com o intuito de reformar os padrões da Rússia, a fim de se comparar aos modelos europeus, bem como obrigar os grandes latifundiários a adotar métodos ocidentais em seu modo de vida. Através disso, formou-se uma grande divisão na sociedade, isto é, a sociedade russa transformou-se em duas. De um lado havia a nobreza com seus costumes ocidentalizados, como afirma Wood (1991), mesmo com a morte de Pedro, O Grande, continuaram a ser uma nobreza, pretenciosa, ociosa e possuidora de terras e servos. Enquanto, do outro lado, havia a classe camponesa, que foram subordinados a servos e continuavam a ser “explorados, espoliados e confinados, ao mesmo tempo que

continuavam mergulhados em um vasto lodaçal de ignorância, miséria, superstição e fome periódica” (WOOD, 1991, p. 14).

A Rússia no começo do século XX, vivia uma mistura, segundo Wood (1991), de riqueza ostensiva e a dolorosa pobreza, de forças e fraquezas, de atraso e modernidade, de despotismo e uma urgente exigência de mudanças. Wood (1991) destaca que a economia da Rússia não era adequada devido ao seu atraso industrial, comparado a outras potências europeias. Diante disso, o país se organizou para que houvesse um avanço industrial intenso, tornou-se uma das principais potências industriais no mundo, porém a maior parte da população russa, ainda era constituída por camponeses, explorados e vivendo na miséria desde o século XVIII.

Pelos padrões ocidentais contemporâneos, os níveis de educação e alfabetização do povo russo eram constrangedoramente baixos. A maioria dos camponeses era analfabeta e, de qualquer modo, eles tinham problemas cotidianos de sobrevivência muito mais urgentes do que aprender a ler e escrever. [...] Mais uma vez estamos diante de uma contradição: um país cujas brilhantes realizações artísticas e literárias colocavam-no na vanguarda europeia, mas cuja população, em sua maioria, não conseguia ler ou escrever sua própria língua (WOOD, 1991, p. 17).

Depois de Pedro, O Grande, e vários de seus sucessores⁵, foi a vez de Catarina, A Grande, tomar posse do trono e se proclamar imperatriz (1762 – 1796), fundou várias escolas e até mesmo a Universidade de Moscou, juntamente com colégios para professores e outras escolas de níveis superiores.

No final do século XIX, a Rússia foi marcada por um grande processo de industrialização, a Revolução Russa, deu resultado ao grande enriquecimento dos capitalistas e dos proprietários de fábricas. Isto originou em uma nova classe social, a classe dos operários, (proletariado) que antes eram os camponeses e esperançosos por uma vida melhor, acabaram se deparando com uma situação parecida com a que já viviam, obrigados a trabalhar em situações precárias, em ambientes sem higiene e segurança, além de um salário baixo e a carga horária de até catorze horas diárias (WOOD, 1991).

⁵ A sucessora de Pedro o Grande foi a viúva Catarina I (1725-27); o neto Pedro II (1727-30); a sobrinha Ana Ivanovna (1730-40); a filha Isabel Pedrovna (1741-62), e outro neto, Pedro III (1762), este sendo destituído e assassinado por sua esposa, Catarina Anhalt-Zerbst, proclamada imperatriz com o título de Catarina II, a Grande (1762-1796) (VICENTINO, 1995).

Segundo Wood (1991), o sucessor de Catarina II, foi o czar Paulo I (1796 – 1801), durante seu governo, suas ações foram de grandes contribuições para que a população se intensificasse a favor da repressão política. Devido a isso, Paulo I perdeu seu título e foi assassinado em 24 de março de 1801, por causa de suas inimizades.

De acordo com Vicentino (1995), Alexandre I, assumiu o trono (1801 – 1825), e decretou o fim da repressão, causada por Paulo I, o que resultou na liberdade de milhares de prisioneiros. Segundo Wood (1991), em 1803 a partir do novo sistema de educação pública, chamado, Estatuto das Escolas, passou a existir uma universidade para cada uma das seis regiões da Rússia, incluindo escolas para todas as províncias. Alexandre I foi sucedido por seu filho Alexandre II (1855 – 1881), que libertou os camponeses e pôs fim a servidão em 1861.

Wood (1991), esclarece que o fim a essa servidão não despertou de um desejo de melhorar a situação de vida da população camponesa, mas sim por medo que esta servidão fosse ao fim pelas mãos dos camponeses e seus modos reivindicativos. Concomitantemente, como afirma Vicentino (1995), não foi possível melhorar a situação dos camponeses, pois eles continuaram a viver sob as ordens dos proprietários rurais.

O governo comprou propriedades que foram entregues aos latifundiários para que as distribuíssem aos camponeses. Porém as terras foram comercializadas aos camponeses, que deveriam pagá-las por meio da prestação de serviços no período de 49 anos, fazendo-os verdadeiros servos do Estado. Engels (1982) esclarece que as taxas de impostos obrigatórias a população era absurda e isso poderia ocasionar uma revolta entre as massas populares até que posteriormente se estendesse a uma Revolução.

Alexandre II, tentou algumas mudanças no governo, como a abolição da servidão em 1861, mas essa ação apenas serviu para que os camponeses se tornassem ainda mais escravos da classe privilegiada, pois receberam terras insuficientes: “as dívidas aumentavam por causa da baixa produtividade, resultante de técnicas atrasadas. Os impostos pesavam. O ambiente era, portanto, adequado à ferramenta de ideias revolucionárias” (ARRUDA, 1998, p. 274).

Diante do exposto, Seriacopi (2005) relata que, nesse contexto, o czarismo se conceituava como uma espécie de monarquia absolutista e era contra qualquer

manifestação que se opunha ao governo. Quem dava sustentação política ao czar eram os nobres, proprietários de terras, militares e também a Igreja ortodoxa. Devido a essa repressão do czar contra a grande massa insatisfeita, começaram a surgir grupos clandestinos de oposição que defendiam a mudança econômica, política e social.

Dentre esses grupos destacavam-se os anarquistas, os narodniks (populistas) e os socialistas. Os três apoiavam as ações terroristas contra os integrantes do governo. Segundo Arruda, (1998), os anarquistas⁶ ficaram mais conhecidos por suas ações, ao adotarem o anticzarismo e voltarem a atenção da população para as injustiças sociais que estavam acontecendo. Mas, para esse grupo o governo tinha soluções que resultavam em pena de morte e isso fez com que a população se radicalizasse contra o poder.

Vicentino (1995), ressalta que um grupo de jovens partiu em busca de reivindicações, contra os membros do governo. Em uma dessas ações, foi morto o czar Alexandre II (1818 – 1881). Quem o sucedeu foi Alexandre III, que tomou medidas repressoras e violentas com a população, tirou-os de sua cultura da antiga Rússia e os trouxe para uma nova cultura e um novo meio de vida que facilitaria o seu governo e o seu comando. De acordo com Wood (1991), Alexandre III proibiu que a população de classe baixa tivesse acesso à educação, pois isso os faria raciocinar e elaborar ideias contrárias aos que estavam no poder, e por vezes poderiam se tornar superiores a classe dominante.

Segundo Aranha (2006), em 1864, foi criada a Associação Internacional dos Trabalhadores com o objetivo de organizar a população para a revolução e os revolucionários de todo o mundo:

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), os principais líderes dessa associação, publicaram no mesmo ano o “Manifesto Comunista”, documento em que analisaram o modo de produção capitalista e a forma como a sociedade se estruturava por meio dele; concomitantemente, os autores almejavam estimular a organização do proletariado como classe social, buscando que assim conseguissem mudar sua situação precária (MARX; ENGELS, 1993, p. 32).

⁶ “Os anarquistas têm estado especialmente conscientes dessa dualidade entre o homem universal e o homem particular, e muitas de suas reflexões têm sido devotadas à busca de um equilíbrio entre as reivindicações da solidariedade humana geral e as do indivíduo livre. Em especial, eles procuraram conciliar ideias internacionalistas a ideia de um mundo sem fronteiras ou barreiras de raça – com uma insistência ferrenha na autonomia local e na espontaneidade pessoal” (WOODCOCK, 2007, p. 7).

Compartilhamos da ideia de Arruda (1998), que a partir de 1890, a classe trabalhadora alimentava a sua oposição contra o regime czarista que era defendido pelas classes mais privilegiadas da nobreza, entre eles: burguesia industrial e mercantil e pelas armas da guarda especial.

Wood (1991), esclarece que com Nicolau II (1894 – 1917) a crise se agravou. O czar insistiu um governo centralizado, de origem divina. Por causa da crise, as revoltas camponesas chegaram a um ponto crítico no país. Em 1898, Seriacopi (2005), assevera que intelectuais e ativistas da classe trabalhadora formaram o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), um grupo clandestino de orientação marxista. Em 1903, este partido dividiu-se em duas tendências, os bolcheviques e os mencheviques:

A polícia desarticulou o Partido Social Democrata Russo, fundado em 1898, que voltou a organizar-se no exterior, de onde Vladimir Ilitch Ulianov, dito Lênin, difundia suas ideias nas páginas do jornal Iskra. Ligado a um grupo marxista clandestino, Lênin aprofundou seus estudos durante o desterro na Sibéria (1892-1900) e o exílio em Londres, Munique e Genebra (1900-1905) O Partido Social-Democrata defendia a tese marxista de que a Rússia, país atrasado, precisava passar por uma revolução democrático-burguesa que desenvolvesse o capitalismo e criasse as condições para uma revolução do proletariado. Através disso, foram criados dois movimentos, os Bolchevique (de bolchenstvo, maioria) e menchevique (de menschestvo, minoria). E que tinham posições bem opostas ao outro grupo, chamado mencheviques que achavam que se devia esperar o desenvolvimento do capitalismo para então começar a revolução, conduzida pela burguesia e apoiada pelos operários e camponeses. Os bolcheviques, liderados por Lênin, defendiam uma ditadura do proletariado, conduzida por um partido operário-camponês. Só uma revolução socialista tiraria a Rússia do atraso, tarefa que a burguesia não seria capaz de realizar (ARRUDA, 1998, p. 274).

Em 1905 a Rússia foi derrotada na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Wood (1991, p. 48) destaca:

No dia 9 de janeiro de 1905, um domingo, um protesto pacífico de operários em greve e suas famílias resultou num sangrento massacre. Os manifestantes, encabeçados por um sacerdote, haviam planejado apresentar uma humilde petição ao czar enumerando seus problemas; em vez disso, foram recebidos por uma rajada de balas e atacados por cossacos a cavalos. Centenas de manifestantes morreram, e a carnificina ficou conhecida como 'Domingo Sangrento', chocando o mundo.

Nas maiores cidades, foram formados grupos, os chamados sovietes – conselho dos trabalhadores – em diversas regiões do país, com o intuito de tomar decisões políticas para acabar com o czarismo. Esclarece Seriacopi (2005) que um dos sovietes mais importantes se localizava na capital de São Petersburgo⁷ e era comandado por Lev Davidovich Bronstein, conhecido como Leon Trotsky⁸.

A guerra entre a população e o governo czar destruiu a organização da economia do país, ocasionando fome, desemprego e inflação. Porém, no dia 27 de fevereiro de 1917, Seriacopi (2005) destaca que a população de São Petersburgo e de outras cidades se revoltaram contra as ideias governo. O czar foi obrigado a abdicar e o poder passou para as mãos de um Governo Provisório, eleito pela Duma Estatal⁹ e composto por liberais e mencheviques. Nesse período, operários, camponeses, soldados e marinheiros organizaram sovietes por todo o país.

É neste cenário conturbado pelo qual passava a Rússia que a figura de Tolstói se constitui. Entender o contexto econômico, político e social em que o autor sistematizou suas elaborações, se configura relevante para compreendermos suas obras e suas contribuições para a educação e sociedade da época. Foi em meio a este descaso com as massas que Tolstói se desenvolveu como um importante escritor e pedagogo russo.

Lev Nikolaievich Tolstói, nomeado conde e membro da aristocracia, de acordo com Maia (2010), nasceu no dia 28 de agosto de 1828, em Iasnáia Poliana, localizada na província de Tula, em uma propriedade rural de sua família na Rússia. Durante grande parte de sua infância e ao decorrer de sua vida, Tolstói pode observar os camponeses e sua luta para sobreviver.

Seus pais morreram cedo, e, por isso, foi educado por preceptores. Segundo Bentos (1967), aos 16 anos matriculou-se na Universidade de Kazan, mas abandonou os estudos no ano de 1847, sem interesse de se formar, pois estava convencido da

⁷ São Petersburgo é uma cidade federal da Rússia localizada às margens do rio Neva, no Mar Báltico. No período de 1914 a 1924, era chamada de Petrogrado, e de 1924 a 1991 era conhecida como Leningrado. A cidade foi capital do Império Russo por um longo período, compreendido entre os anos de 1713 a 1728 e novamente em 1732 a 1918. Após a Revolução de Outubro de 1917, São Petersburgo deixa de ser a capital do país, sendo substituída por Moscou (VICENTINO, 1995).

⁸ Leon Trotsky é um filósofo, um historiador e um crítico da revolução. Define o desenvolvimento da arte como o mais elevado testemunho da vitalidade e do valor de uma época. A dialética de Trotsky nos conduz a uma previsão otimista do futuro do Ocidente e da humanidade (MARIÂTEGUI, 2012).

⁹ A Duma era formada por cerca de 500 deputados eleitos, representando todas as classes sociais rurais, e o Conselho de Estado continha igual proporção de membros eleitos e indicados, representando as principais instituições sociais, religiosas, educacionais e financeiras (WOOD, 1991, 51).

futilidade e desinteresse do ensino naquele período. Durante sua vida, o sentimento anarquista começa a aflorar em suas ações, pensamentos e obras.

Em suas viagens a Moscou e São Petersburgo, o autor passou a conhecer uma grande parte dos costumes da alta sociedade, o que lhe trouxe um sentimento anarquista em relação as divisões de classes expostas na Rússia. Bentos (1967) relata que Tolstói passou a escrever em seu diário, seus sonhos de carreira literária e suas meditações sobre si mesmo.

Em 1851, o pedagogo russo abandonou a sua vida de conde e, conforme Maia (2010), alistou-se no exército e seguiu para o Cáucaso com o irmão Nicolau, foi admitido em 1852 nas forças armadas. Ao entrar no exército destacou-se por sua conduta e bravura em guerras¹⁰. De acordo com Bentos (1967), nesse período, além de adquirir experiência sobre a vida nas montanhas, escreveu e publicou seu primeiro romance, intitulado “Detsivo” (“Infância”, 1852), o qual foi motivo de grande sucesso e através disso tomou coragem para prosseguir com seus trabalhos literários.

Depois de ter feito parte do exército que lutava contra os turcos no Danúbio e em Sevastopol, escreveu e publicou mais um livro de contos que unia a literatura e a realidade vista por ele. Bentos (1967) relata que o referido autor viajou pela Europa e, de volta à Rússia, estabeleceu-se na propriedade rural de sua família. Nesta área fundou uma escola para os filhos dos camponeses, “elaborando e escrevendo, ele mesmo, grande parte do material didático que tinha um posicionamento contrário à pedagogia da época, que se pautava em excessivas regras e punições” (MAIA, 2010, p. 8). Bentos (1967), enuncia que em 1862, Tolstói casou-se com Sofia Anfreievna Bers e teve 13 filhos, naquele momento encontrou sua verdadeira felicidade, passando a se sentir um ser humano completo.

Depois de um segundo livro que deu seguimento a seu livro Infância, escreveu e publicou entre outras obras literárias significativas para a população, entre elas: Guerra e Paz (1864-69), Ana Karenina (1875-77) e Os Cossacos (1862). Bentos (1967) afirma que durante os 15 anos que Tolstói se dedicou a escrever essas belíssimas obras, foram os anos mais felizes de sua vida, constituiu uma grande família, dirigiu sua propriedade e exerceu grande atividade literária, que lhe proporcionou visibilidade diante do público, o que contribuiu para que seu nome

¹⁰ Em 1852, lutou bravamente contra tribos montanhesas. Transferido, participou da guerra da Criméia, experiência descrita em Sevastopolskii rasskazi (1855; Contos de Sevastopol) (NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA, 1999).

obtivesse glória artística, no país e posteriormente no estrangeiro. Guerra e Paz e Ana Karenina são importantes obras que dispuseram por meio de si a verdadeira personalidade de Tolstói, seus sentimentos e suas idealizações.

O primeiro livro “Guerra e Paz”, levou cinco anos a ser redigido, e nele a vida russa é descrita de maneira completa e colocada em plano de tão elevada humanidade, que o livro pode ser considerado um dos maiores monumentos da civilização. Grande epopeia em prosa e romance heróico, apresenta a crônica de duas famílias da nobreza russa em meio aos acontecimentos do início do séc. XIX e da invasão napoleônica de Moscou. Centenas de personagens atravessam as cenas desse imenso afresco, cada uma com a sua peculiaridade e falando linguagem própria, muitos dos quais retirados da vida real, embora transfigurado pela arte do autor. Mas sobretudo, Guerra e Paz, é uma obra de extrema perfeição artística, inspirada no amor da humanidade e no espírito da adolescência (BENTOS, 1967, p. 273).

Depois de 1876, Bentos (1967) relata que Tolstói começou a se sentir sozinho, uma angústia que o consumia, pois sentia o vazio do mundo dentro de si, ele procurava um sentido para a vida e ansiava por encontrar e descobrir a Deus, através das diferentes formas religiosas. Em um momento difícil de sua vida, Tolstói se desinteressou de sua propriedade e de todas as coisas que possuía, o que quase o levou ao suicídio. “Procurou sua salvação na religião russa, nos evangelhos, nos sistemas filosóficos, e por fim desenvolveu sua própria concepção do Cristianismo, dele despojando todos os elementos místicos e não-éticos” (BENTOS, 1967, p. 273). Ainda conforme Bentos (1967), em 1884, publicou um livro de confissões, no qual expunha os seus relatos e experiências com profunda sinceridade. Nos últimos 40 anos de sua vida, apropriou-se de sua nova fé e deu total importância para o sentimento de liberdade de cada ser humano.

Repudiou o Estado, e quis aplicar os seus princípios às condições econômicas e sociais da Rússia, condenando a propriedade, o uso do dinheiro e a exploração do homem pelo homem. Pregou o vegetarianismo, e a sua casa tornou-se o centro de um culto novo, chegando ele a ser excomungado pela Igreja russa. Ao fim da vida, perturbaram-no problemas familiares e dificuldades pela sua pregação (BENTOS, 1967, p. 273).

De acordo com Woodcock, (2007), Stefan Zweig¹¹ certa vez descreveu Tolstói como o mais exaltado anarquista e antioletivista do nosso tempo. Porém o pedagogo russo não chamava a si mesmo de anarquista, pois, para o autor, o termo era dado àqueles que desejavam transformar a sociedade por meio da violência. Tolstói desejava, sim, transformar a sociedade, mas não por meio de violência. Segundo Woodcock (2007), o referido autor preferia ser considerado um cristão literal.

Certa vez Tolstói ao visitar Proudhon¹², em Bruxelas. Lá, discutiram sobre educação, uma das grandes preocupações de Tolstói. O autor considerava Proudhon o único homem capaz de compreender a importância da instrução pública naquele período e também da máquina impressora. Utilizou ideias desse mesmo filósofo que tanto admirava para escrever seu romance “Guerra e Paz”. “Que situava as origens e a evolução da guerra não nas decisões tomadas por líderes políticos e militares, mas na psique social – para o seu maior romance” (WOODCOCK, 2007, p. 252).

O reino de Deus para Tolstói, segundo Bentos (1967), deveria estar dentro do coração de cada um. Só era possível que o ser humano fosse feliz, quando ele praticasse o bem não apenas para si mesmo, mas também para o próximo.

¹¹ Stefan Zweig ocupa um lugar especial na História da Literatura Universal, de grande importância para o Brasil. Aqui, o mais famoso de todos os escritores emigrados foi festejado e homenageado no ápice de sua glória, aqui encontrou – como ele próprio disse – uma “guarida” longe do nazismo, escreveu algumas de suas obras mais famosas e compôs uma ode que virou epíteto do país que o acolheu. Mas também foi no Brasil que ele resolveu pôr um fim à sua vida, em 1942, junto com sua segunda mulher, Lotte Altmann. Mais do que um gesto de desesperança, o suicídio duplo no paraíso tropical, poucos dias depois do Carnaval, naquele momento da guerra, foi um ato lúcido, uma mensagem inequívoca, um ponto final depois de uma vida rica em viagens, obras e emoções (CASA STEFAN ZWEIG. Biografia. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_biografia.php?language=pt_BR>. Acesso em: 5 out. 2015).

¹² O francês Pierre Joseph Proudhon (1809-1865) foi, ao mesmo tempo, pai do anarquismo, do socialismo científico, da economia política socialista e da sociologia moderna, e também o pai do mutualismo, do sindicalismo revolucionário, do federalismo e desta forma particular de coletivismo hoje conhecida como autogestão. Escritor abundante, pensador genial, autodidata, libertário radical e ao mesmo tempo o primeiro a entrever profeticamente os perigos de um socialismo autoritário, estatal e dogmático. Filho de camponeses, pensador insaciável, publicou dezenas de livros que divulgaram suas ideias e o tornaram muito conhecido em vida, sendo eleito na revolução de 1848 deputado independente na Assembleia Nacional. Publicou, entre outras obras, *O que é a propriedade*, *O representante do povo*, que lhe valeu uma longa temporada na prisão sob o reinado de Napoleão III, *Da justiça*, que lhe levou ao exílio na Bélgica. Seu livro *Da capacidade política das classes operárias* forneceu a base teórica para o anarco-sindicalismo. Bakunin chamava-o de “Mestre de todos nós” (MAYRINK, Graciela. Quando o vento sumiu. Vida e Obra. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=626484>. Acesso em: 5 out. 2015).

O anarquismo e o cristianismo racional de Tolstói, foram se desenvolvendo a partir das experiências mais elevadas com que teve contato em sua vida. Conforme relata Woodcock (2007, p. 253).

Os anos que viveu como oficial no Cáucaso, em contato com as tribos montanhesas e com os cossacos, que viviam de acordo com suas tradições, ensinaram-lhe as virtudes das sociedades simples que vivem próximas da natureza e longe da corrupção urbana. [...] talvez a experiência decisiva na vida de Tolstói tenha sido uma execução pública na guilhotina a que ele assistiu em Paris, em 1857. A eficiência fria e desumana com que foi realizada despertou nele mais horror do que qualquer cena de guerra que tivesse presenciado, e a guilhotina passou a representar, para ele, o símbolo aterrador do governo que a utilizava. A partir desse dia passou a falar politicamente – ou antipoliticamente – com a voz de um anarquista. O Estado moderno – não é senão uma conspiração para explorar e, acima de tudo, para desmoralizar seus cidadãos.

Tolstói não entendia as leis do governo e diante delas nunca mudou seu pensamento, como podemos observar em seus escritos de muitos anos depois. “As leis políticas parecem-me mentiras tão terríveis, que não consigo entender como uma delas possa ser melhor ou pior do que qualquer outras. Daqui em diante, jamais voltarei a servir qualquer governo, em nenhum lugar (WOODCOCK, 2007, p. 254). As antecedências anarquistas de Tolstói o dividem em dois seres distintos:

O período de dúvidas terríveis e de agonia espiritual que acompanhou término de Ana Karenina e que foi em grande parte, registrado nos seus últimos capítulos, aquele período que Tolstói considerava o momento de sua conversão, é visto como um grande divisor de águas, dividindo a sua vida. De um lado fica a terra de sol vibrante e de florestas úmidas do orvalho que pertence aos seus grandes romances. Do outro o deserto de trabalho espiritual no qual Tolstói, como um João Batista moderno, procura os gafanhotos do moralismo e o mel da alegria espiritual. De um lado está o artista, do outro, a mistura de santo e anarquista e podemos escolher o Tolstói que preferirmos, de acordo com nosso gosto pessoal (WOODCOCK, 2007, p. 253-254).

O referido autor não abandonou a literatura e, em seus diários, estavam sempre presentes a expressão artística, embora estivesse muito preocupado com outras atividades sociais:

[...] na década de 1850, afirmava que as principais atividades do homem deveriam estar fora da literatura. Algumas vezes, mesmo durante essa época, ele chegou a falar em desistir de escrever. Mas jamais o fez, nem naquele tempo nem mais tarde, embora durante longos períodos seus esforços para tornar-se um bom fazendeiro, ou para melhorar as condições de vida de seus camponeses, ou para socorrer as vítimas da fome ou para desenvolver um sistema progressista de ensino parecessem a seus olhos mais urgentes do que escrever (WOODCOCK, 2007, p. 256).

As experiências e o convívio de Tolstói com a pedagogia o fizeram se apaixonar e se preocupar cada vez mais com sua prática. Isso resultou em um afastamento da produção de suas literaturas, mas nunca chegou a abandoná-las. Passou a perceber que não há tempo de dedicar-se a personagens que não existem, quando pode voltar sua atenção a homens de verdade que necessitam do ensino e conhecimento para uma vida melhor. Ressalta Woodcock (2007, p. 256-257):

[...] ficou tão envolvido em suas experiências educativas que abandonou temporariamente o romance e observou, num tom impaciente, para um membro da família: “Não posso me afastar de criaturas vivas para preocupar-me com seres imaginários”. Seus ensinamentos eram a propósito, de caráter extremamente libertário, e o tipo de colaboração espontânea entre professores e alunos que tentou obter na prática pareciam-se muito aos métodos apregoados por William Godwin naquele trabalho pioneiro sobre teoria do ensino anarquista.

Tolstói pede aos homens para que eles olhem ao seu redor e deem atenção às coisas simples da vida que realmente lhe proporcionem felicidade, ações próximas da natureza e do próximo, ele escreve a seus antigos amigos de São Petersburgo o quanto é feliz:

Vocês não sabem o que é felicidade, não sabem o que é vida. É preciso saboreá-la em toda a sua beleza natural, é preciso ver e compreender o que tenho todos os dias diante dos meus olhos – a eterna e inacessível neve no cume das montanhas e uma mulher dotada de toda a dignidade e de toda a beleza primitiva que devia ser a primeira mulher quando saiu das mãos do Criador – e só então ficará bem claro qual de nós – vocês ou eu – está se arruinando e quem de nós vive verdadeiramente, quem leva uma vida falsa [...] (WOODCOCK, 2007, p. 258).

O autor transpassa todo este sentimento verdadeiro de liberdade para suas obras e seus personagens, que sempre estão carregadas de seus sonhos e

pesadelos. De acordo com Woodcock (2007), em *Os Cossacos*, Tolstói expressa esses sentimentos de uma maneira mais ingênua do que em *Guerra e Paz* e *Ana Karenina*, no qual se apropria de uma maneira mais aprofundada em demonstrar e sugerir que devemos levar uma vida mais próxima da natureza, “da verdade, do que uma vida presa aos complicados laços da lei e da moda” (WOODCOCK, 2007, p. 259). Assim como em *Ana Karenina*:

Durante todo o romance ele mantém a divisão entre a cidade e o campo, entre a civilização urbana artificial – que sempre tende para o mal – e a vida rural natural – que sempre tende para o bem quando lhe permitem seguir seu próprio curso. *Ana Karenina*, dominada pela cidade e corrompida por seus padrões artificiais, é destruída primeiro moralmente e depois fisicamente. Levin, um homem do campo, passa por muitas provocações amorosas e religiosas, mas finalmente consegue ser feliz no seu casamento e, ao fim de um longo processo de penoso esforço, acaba vendo a luz. Mas, como Levin acaba entendendo, é o camponês, o homem do povo, que está mais próximo da natureza e, pela simplicidade da vida que leva, mais próximo da verdade (WOODCOCK, 2007, p. 259).

O personagem de Levin, ressalta características do pensamento de Tolstói naquele período de sua vida, o verdadeiro ser humano em contato com a natureza e vivendo em sua simplicidade. O autor expressa em suas obras, a forma como o homem do campo consegue a felicidade por se dedicar a viver uma vida simples e honrada. Pode-se observar uma dessas ações de homem simples e livre quando Levin se une aos seus servos camponeses e trabalha pelo desenvolvimento não apenas de sua terra, mas também da vida desta comunidade, ao desenvolvimento deste trabalho não há hierarquia.

Enquanto na vida urbana “artificial”, as classes nobres e burguesas vivem martirizadas, tendo de se comportar aos moldes e padrões da sociedade, dentro das regras daquele período histórico que eles mesmos construíram. Não há simplicidade, há apenas a hierarquia, a prisão de viver sem amor, sem verdade e liberdade. Aquele que deseja viver por amor e de uma maneira que lhe traga felicidade é julgado e excluído da sociedade.

Sobre *Guerra e Paz*, Woodcock (2007, p. 259), esclarece que:

[...] o tema do homem natural havia sido introduzido pelo personagem Platão Karatec, um soldado camponês que Pierre encontra entre seus companheiros de cárcere, quando é aprisionado pelos franceses em Moscou. Para Pierre, Karataev é “a insondável, acabada e eterna

personificação da simplicidade e da verdade” e ele é assim porque vive naturalmente, sem intelectualismo consciente. “Suas palavras e ações brotam dele com a mesma regularidade, a mesma fatalidade e a mesma espontaneidade como o aroma exala da flor”. De modo semelhante, a conversão de Levin em Ana Karenina é precipitada pelo fato de ele ter ouvido falar de um camponês, também chamado Platão, que vive “para sua alma, corretamente, como manda o Senhor”.

Nos escritos de Tolstói também existe o aspecto fraternal que, de acordo com Woodcock (2007), é uma projeção de um sonho que Tolstói compartilhou com seus irmãos na infância, pois acreditava que o laço fraternal que existia entre eles poderia se expandir de tal forma que a humanidade se unificasse em apenas um círculo de amor e fraternidade.

Reiteramos que, em suas obras, Tolstói consegue expor seus sentimentos, perspectivas, pensamentos, ideologias e seus sonhos de vida de uma maneira verdadeira e emocionante. Esse é um aspecto relevante de sua obra, visto que, por meio de suas literaturas, o leitor pode se aproximar e conhecer um pouco mais das ideias que o constituíram e o fizeram ser um escritor e pedagogo russo.

Woodcock (2007) relata que Tolstói protestava quando o interpretavam como alguém que não era a favor do desenvolvimento do país. O pedagogo russo propunha a evolução com argumentos que fossem favoráveis para todos e não apenas para a alta sociedade. Ainda pontua o autor que:

As pessoas realmente esclarecidas preferirão sempre voltar a andar a cavalo e a usar bestas de carga ou até mesmo a arar a terra com bastões e com suas próprias mãos do que viajar em estradas de ferro que esmagam regularmente uma porção de gente, como acontece em Chicago, simplesmente porque os proprietários dessas estradas acham mais lucrativo indenizar as famílias dos mortos do que construí-las de tal maneira que não matem mais ninguém. O lema das pessoas realmente esclarecidas não é *fiat cultura, pereat justiça, mas fiat justicia, pereat cultura* (WOODCOCK, 2007, p. 261).

Compartilhamos da ideia de Woodcock (2007), que Tolstói não compreendia como as pessoas não se atentavam ao fato de que não deveriam sacrificar a vida de nossos irmãos simplesmente para o nosso prazer, pois era possível viver sem destruir a vida dos homens. Para o referido autor, assim como para os “camponeses e anarquistas de Andaluzia, o ideal moral era a vida simples e ascética, onde um homem dependeria o menos possível do trabalho de outro homem” (WOODCOCK, 2007, p. 262).

L. N. Tolstói não se contentava com as obras literárias sem conteúdo criadas para satisfazer apenas uma minoria. O autor acreditava que as obras deveriam ter o poder de atingir a toda a população. Por isso, para o pedagogo russo, as verdadeiras obras literárias deveriam ter o poder de atingir toda a população, para que vissem suas vidas de uma maneira diferente, dando a esperança de um dia melhor e uma condição mais decente para a sua sobrevivência e felicidade plena.

Tolstói acreditava que não era necessário um governo superior para que o país fosse de certa forma organizado, as pessoas podem ser responsáveis por organizar as suas vidas e os vários tipos de empreendimentos que existem no país.

Vemos, pelo contrário, que nos mais diferentes assuntos as pessoas da nossa época organizam suas vidas incomparavelmente melhor do que aqueles que os governam são capazes de organizá-las para eles. Sem a menor ajuda do governo, e muitas vezes apesar da interferência do governo, as pessoas organizam os mais variados tipos de empreendimentos sociais – sindicatos operários, sociedade cooperativas, companhias de estradas de ferro, artels, uniões de trabalhadores. Se é preciso fazer arrecadações para executar obras públicas, o que nos levaria a supor que o povo livre não poderia, sem violência, arrecadar voluntariamente os meios necessários para executar qualquer das coisas atualmente feitas através de impostos, bastando apenas que o empreendimento em questão fosse realmente de utilidade pública? Por que devemos supor que não é possível existir tribunais sem violência? O julgamento conduzido por pessoas em quem os disputantes confiam sempre existiu e sempre existirá, sem necessidade de violência... E, do mesmo modo, não há razão para supor que as pessoas não possam decidir, por concordância mútua, como a terra deverá ser partilhada (WOODCOCK, 2007, p. 263).

Tolstói não garantiu que essa nova forma de sociedade daria certo, mas afirma que os seres humanos deveriam se moldar a ela, caminhar para o bem dela e de todos. Ainda nesse aspecto, Woodcock (2007, p. 263) pontua que “A vida consiste apenas na procura do desconhecido e no trabalho de harmonizar nossos atos com a nova verdade”. Assim, para este mesmo autor, a população deveria se recusar a aceitar as ordens do governo, deixar de cooperar com ele, não lhe pagando os impostos e não exercendo o seu papel no serviço militar e policial, para que o governo fosse derrotado. A partir disto a sociedade se tornaria uma produção cooperativa:

A distribuição de produto do trabalho, será feita de acordo com um princípio comunitário, de modo que os homens receberão tudo aquilo de que necessitam, mas para o seu próprio bem, nada que possa ser considerado supérfluo (WOODCOCK, 2007, p. 263-264).

O referido escritor influenciou vários grupos de camponeses que passaram a adotar o movimento tolstoiano, que pregava a vida em comunidades com um sistema econômico comunitário, porém essas comunidades não resistiram muito tempo. Mas de acordo com Woodcock (2007), apesar disso, o movimento tolstoiano continuou ativo na Rússia até os primeiros anos da década de 1920, quando foi proibido pelos bolcheviques.

Tolstói não sofreu grandes perseguições ao longo de sua vida, pois mesmo contra sua vontade, sua família compunha a alta sociedade:

Utilizando o amplo prestígio que fez com que se tornasse quase o único homem da Rússia a estar livre de perseguições diretas, ele denunciou várias vezes o governo czarista pelas suas ofensas contra a moral racional e a doutrina cristã (WOODCOCK, 2007, p. 265-266).

De acordo com Woodcock (2007), Tolstói ensinava uma lição aos anarquistas de sua época: “a de que a força moral de um único homem que insiste em ser livre é maior do que a de uma multidão de escravos silenciosos” (WOODCOCK, 2007, p. 266). Se posicionou firme diante do governo, e expressou sem receio suas ideias opositoras. O autor ressaltou que a liberdade é o maior bem do ser humano e que deve ser minuciosamente conservada.

Tolstói viveu em um período histórico de grandes turbulências na Rússia, diante disso o autor construiu sua personalidade com características marcantes, entre elas, a dedicação ao campesinato, os mais prejudicados no sentido social e moral.

A seguir, discutiremos a importância da figura de Tolstói nesse período, bem como suas práticas pedagógicas para promover uma escola e uma educação que beneficiasse os camponeses para uma vida digna.

3 ESTUDOS INICIAIS: AS PRINCIPAIS IDEIAS DE TOLSTÓI PARA A EDUCAÇÃO E A SUA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Nesta seção, discutimos sobre os aspectos pedagógicos de Tolstói para a implantação de uma nova escola e uma educação rica e enriquecedora que favorecesse o campesinato, os tornando dignos de viver em sociedade e reivindicar os seus direitos perante o Estado.

Diante disso, Egorov (1988) relata a importante figura de Tolstói que é conhecido por suas obras literárias, que fazem parte de um acervo cultural universal. Além de muito produtivas em termos literários, também nos permite realizar estudos e reflexões acerca da importância do homem na vida atual. Além de literaturas, o autor produziu também escritos sobre a pedagogia fazendo destaques e propostas para a sua melhoria e implantação nos campos para os filhos dos camponeses pobres daquela época.

Tolstói dedicou a maior parte de sua vida à pedagogia, sua paixão era a instrução e o desenvolvimento do homem livre. De acordo com Egorov (1988), aos 19 anos (no fim dos anos 40), o autor organizou em sua aldeia natal – Iasnaia Poliana, uma escola e atuou como professor. Foi notável o seu interesse por ensinar, com isso, foi nesta escola que o autor pode dar início ao seu trabalho pedagógico.

Em seu trabalho pedagógico, defendia o princípio de que, para que a criança pudesse aprender, era necessário que o professor pudesse conhecê-la e explorá-la em suas emoções e ações, para que em nenhum momento ela fosse desrespeitada:

Para termos certeza disso, devemos recordar que a ciência pedagógica progressista da Rússia dessa época tentava apresentar a seguinte exigência: se a pedagogia pretende educar o homem sob todos os aspectos, deve, antes de tudo, conhecê-lo em todos os sentidos. Este princípio básico da pedagogia de L. Tolstói reflete-se em todo o conteúdo da trilogia por ele criada entre 1852 e 1857: Infância, Adolescência e Mocidade. Nestas novelas, o escritor, com brilhante maestria e convicção psicológica, desvenda de forma conseqüente o mundo espiritual da criança, as suas emoções complexas, muitas vezes imperceptíveis para os outros. Estas obras manifestam com toda a clareza a ideia humanista de atitude cuidadosa e respeitosa para com a personalidade da criança, ideia que acompanhou toda a atividade de L. Tolstói como pedagogo (EGOROV, 1988, p. 5).

A prática escolar levou Tolstói a compreender que não é uma tarefa fácil ensinar as crianças, sempre há necessidade de algo a mais, “para essa atividade é insuficiente toda a instrução, mesmo a universitária, dado que, para ter êxito, o trabalho pedagógico exige preparação especial” (EGOROV, 1988, p. 5). Isto nos mobiliza a reflexão que o ensino se fortaleça e seja bom para as crianças, é necessário que o professor tenha uma formação continuada.

Segundo Egorov (1988), a atividade pedagógica intensa de L. Tolstói, começou em 1859, aos seus 31 anos de idade, e apesar de alguns intervalos, segue até o fim de sua vida. As ideias do autor referentes à pedagogia se declaram totalmente diferenciadas para o período em que se encontrava a Rússia em termos econômicos e políticos. O período que antecedeu os anos 1860 na Rússia sofreu com uma produção industrial baixa e a servidão se caracterizava como um meio de atraso para a sociedade, um obstáculo na via capitalista.

Egorov (1988) relata que a primeira análise científica feita sobre a obra do escritor Lev N. Tolstói, foi realizada por V.I. Lênin¹³, que se destacou como dirigente do proletariado mundial. Lênin tinha total apreço por Tolstói, suas falas sobre ele eram cobertas de respeito e esmero, pois Tolstói se dedicava a lutar pela educação dos camponeses em um momento não favorável ao cenário em que se encontrava o país, um período que antecedia a Revolução.

Egorov (1988) salienta que, durante sua vida, Tolstói se opôs à burguesia e à exploração de qualquer ser humano, pois era a favor dos direitos e interesses dos camponeses, que ainda se submetiam aos seus senhores. A solução dos problemas para o escritor era compreender nas entrelinhas a real situação que o país se encontrava, onde a formação capitalista se impunha.

Em suas obras, Tolstói faz grandes críticas à burguesia e destaca a falta de conhecimento dos camponeses em relação a situação que estavam enfrentando, por isso deixavam ser explorados. Assim, de acordo com Egorov (1988), Tolstói, em algumas de suas obras, como “Anna Karenina, Ressurreição” e “Que Devemos Fazer”, coloca-se contra à sociedade burguesa e contrário ao regime capitalista baseado na submissão, miséria e ignorância das massas populares.

¹³ Valdimir Ilitch Lenine (1870-1924): Membro fundador, principal teórico e dirigente do Partido Bolchevique. Dirigiu o partido e os soviets à tomada de poder na Revolução Russa de 1917. Fundou a Internacional Comunista, identificou o Imperialismo como fase superior do Capitalismo e enfatizou o papel do partido como vanguarda da revolução (DICIONÁRIO POLÍTICO. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes//lenin.htm>>. Acesso em: 15 out. 2015).

As concepções pedagógicas de L. Tolstói formaram-se fundamentalmente nos anos 60 e 70 do século XIX. A Rússia dessa época era um país de fortes contrastes no que diz respeito à instrução das diferentes camadas sociais. O campesinato maioria esmagadora da sua população, estava quase totalmente privado da instrução. Nos meados do séc. XIX, cerca de 6% da população sabia ler e escrever. Apenas 1 em cada 12 crianças em idade escolar tinha a possibilidade de frequentar a escola primária. Outro fato que não era menos importante: o que e como ensinar aí. Segundo L. Tolstói, as escolas primárias existentes não tinham importância educativa. Nelas, através de métodos dogmáticos, ensinavam-se principalmente a ler os livros sagrados, escritos em eslavo antigo (EGOROV, 1988, p. 9).

Ainda de acordo com Egorov (1988), para Tolstói a educação era algo essencial para o povo da Rússia, inclusive para o campesinato, pois só com a educação plena o país poderia ter a oportunidade de crescer e se desenvolver, eliminando a violência e as injustiças das massas.

Egorov (1988) complementa que as ideias de Tolstói eram distintas das tendências existentes no país: tendência liberal burguesa, democrática burguesa e democrática revolucionária. Nos anos 1860, as mesmas ideias do autor passaram a se tornar tão diferentes para o momento histórico que dificilmente ela poderia se encaixar em alguma dessas tendências mencionadas. Porém, o fator determinante para todas essas tendências era a certeza de que existia um grande abismo entre: os nobres que tinham a oportunidade da instrução e a maior parte da população, camponesa, pobre que não tinham contato com essa instrução. Egorov (1988) ressalta ainda que por meio desse abismo se justifica a maioria das desordens e calamidades sociais, pois sem o conhecimento o povo se tornava ignorante e geradores de violência e injustiças.

Para Tolstói, a principal característica da sua pedagogia é tornar o aluno um ser humano livre, pois essa liberdade defendida dentro da escola, influência amplamente no desenvolvimento pessoal e social dos alunos. Por meio da liberdade se formam como seres humanos responsáveis e com capacidades que as vezes se desconhece:

Na realidade, L. Tolstói, assim como J.J. Rousseau, dizia que a criança é, por natureza, perfeita, que é um ser ainda não estragado pela pseudo-educação. Pedia aos professores e a todos os adultos para tratarem a individualidade de cada criança com cuidado, não dificultando o seu livre desenvolvimento. L. Tolstói pedia que se

olhasse para as crianças como para seres racionais e pensantes, capazes de compreender a necessidade de ordem, que não suportam a ingerência forçada com a ajuda de castigos. O abandono dos castigos, que não reeducam a criança, mas dão apenas origem a vícios, é um dos traços característicos das concepções pedagógicas de L. Tolstói (EGOROV, 1988, p. 11).

A importância da liberdade na escola e o modo de interagir com os alunos é fundamental para formá-los, os educandos devem ser tratados com respeito, a fim de zelar pelo respeito a seu próximo. Por isso a escola deve ser responsável por promover o interesse do aluno nas práticas educativas, dando oportunidades para o aluno se desenvolver cada vez mais nas atividades culturais e de ensino, para, a partir disso, desenvolverem suas habilidades de memória, concentração e linguagem.

Cabe destacar que a liberdade possibilita que estejam na escola por livre vontade e não por obrigação, não há castigos, nem hierarquia, assim têm a responsabilidade de perceberem se suas ações seguem para o lado do bem ou para o mau comportamento. Essa liberdade forma a capacidade de constituir a sua identidade e personalidade como cidadãos bons e honestos. Egorov (1988) discorre que, para Tolstói, a escola deveria ser livre até da Igreja, pois ela os influenciaria para o benefício da sociedade. Para Tolstói, a criança é o verdadeiro objeto de estudo da pedagogia.

Egorov (1988) ressalta que o alfabetismo para Tolstói é a habilidade de ler e escrever, já a instrução era o aprendizado de um conjunto de conhecimentos que possibilitam os alunos a compreenderem os fenômenos da existência e relacioná-los à realidade que os cerca. Tolstói considerava as experiências com os alunos para analisar se o método era eficaz para a instrução primária:

O principal era o método de análise multilateral, incluindo a análise sociológica e psicológica, que conduz a um resultado muito precioso para a pedagogia: generalização artística. Aqui reside uma das particularidades mais notáveis das ideias pedagógicas de L. Tolstói (EGOROV, 1988, p. 14).

Discorre Egorov (1988) que, até aquele momento, apenas o pedagogo Tolstói havia analisado seriamente os diferentes estados de espírito da criança, bem como os que surgiram com o ensino escolar dogmático dessa época, onde as capacidades naturais do homem eram reprimidas pelos adestramentos e castigos:

Basta olhar para uma criança em casa, na rua ou na escola para se ver ou um ser feliz, cheio de curiosidade, com um sorriso nos olhos e nos lábios, que procura ensinamentos em tudo como uma alegria, que manifesta, clara e frequentemente, as suas ideias com a sua língua; ou um ser martirizado, angustiado, com uma expressão de cansaço, medo e tédio, que repete com os lábios outras palavras e noutra língua um ser cuja alma, como o caracol, se escondeu na sua casca (TOLSTÓI, 1953, p. 72).

Egorov (1988) ressalta que Tolstói considerava as crianças camponesas seres totalmente capazes de aprender tudo o que lhes é ensinado e durante muitos anos tentou colocar isto em prática, principalmente nas suas atividades mais profundas entre os anos de 1859 e 1862, que lhe possibilitaram melhor desenvolvimento educativo e maior animo pedagógico para desenvolver a escola:

Nessa época, na Rússia estava a ser preparada a reforma da escola. Os problemas da escola e os projetos de transformação do sistema de educação eram calorosamente discutidos nos círculos ligados à pedagogia. L. Tolstói também deu sua opinião. Mas, considerava que os funcionários públicos não eram capazes de criar um sistema de ensino que correspondesse aos interesses do povo. “Para que a instrução popular progrida, é necessário entregá-la a sociedade” – escrevia ele a E.P. Kovalevski, irmão do então ministro da Instrução, E.F. Kovalevski (EGOROV, 1988, p. 15).

Ainda nessa época, destaca Egorov (1988) que o autor não mediu esforços para que as autoridades aceitassem a organização de uma sociedade que reunisse as forças sociais para que se tornasse real a instrução geral do povo no país:

Apresentou a organização dessa sociedade em uma carta a E.P. Kovalevski em 1860, explicando os três objetivos centrais: “difundir a instrução entre o povo; publicar uma revista pedagógica; criar escolas nos lugares onde não houvessem e onde fossem necessárias; elaborar o conteúdo da instrução; preparar professores: garantir meios materiais à escola e a toda direção do sistema de instrução do povo (EGOROV, 1988, p. 16).

A seguir, apresentamos uma discussão sobre a escola de Iasnaia Poliana, sobre os métodos de alfabetizar, e sobre os materiais utilizados para essa ação pedagógica que foram criados pelo autor, visto que Tolstói teve uma bela trajetória pedagógica em prol da alfabetização dos camponeses.

2.1 ESTUDOS INICIAIS: APONTAMENTOS DE TOLSTÓI PARA A EDUCAÇÃO E A SUA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Nesta seção, relatamos sobre a atividade pedagógica de Tolstói, bem como as principais características de sua escola em Iasnaia Poliana e seus métodos libertários para ensinar, juntamente com os materiais criados pelo autor, que formulou uma base fundamental aos camponeses que necessitavam deste ensinamento para uma vida plena.

A atividade pedagógica de L. Tolstói, “pode ser dividida em três períodos: primeiro, de 1859 a 1862; o segundo, de 1870 a 1876; e o terceiro, do início dos anos 1980 até ao fim da vida do escritor” (EGOROV, 1988, p. 16). Entretanto a época de maior dedicação a essa atividade, enfatiza Egorov (1988), iniciou no começo do Outono no ano de 1859, em Iasnaia Poliana, onde foi aberta novamente a escola para os filhos dos camponeses. Esta notícia causou aos camponeses da região grande desconfiança sobre as intenções de Tolstói, principalmente pelo fato do ensino ser gratuito.

A escola em Iasnaia Poliana, de acordo com Egorov (1988), era semelhante às outras escolas de origem russa e da Europa Ocidental. Tolstói estabeleceu uma ordem em conformidade com o seu programa. A escola era dividida em três classes para o aprendizado: primário, médio e superior e eram orientados em período integral, isto é, os alunos passavam a maior parte do dia na escola, tinham intervalos para o almoço, mas eram livres, isto é, poderiam ficar na escola ou ir para a casa a hora que quisessem.

As aulas eram ministradas de forma expositiva, o professor tinha um diálogo aberto e livre com os alunos, assim seriam capazes de desenvolver o conhecimento que o aluno já possuía. Ainda sobre o ensino, de acordo com Egorov (1988), nesta escola os alunos aprendiam, a ler, a escrever, conhecimentos de aritmética, religião, regras gramaticais, noções, acessíveis a sua idade, história russa, geografia e história natural, além dos fundamentos do desenho e do canto.

Ainda conforme Egorov (1988), nas aulas eram propostas atividades de redação e atividades de grande interesse dos alunos, bem como as composições sobre temas livres. Os professores tinham como base o princípio de formar nas crianças a sua independência, juntamente com o desenvolvimento das suas

capacidades criativas, a concessão da liberdade, desenvolvendo atividades cognitivas.

Nós – escreve E. Markov – seguíamos os êxitos magníficos dos seus alunos. Alguns desses miúdos vivos, tirados diretamente das grades, ou de um rebanho de ovelhas, passados apenas alguns meses de estudo, já podiam escrever composições bastante bem. Estes resultados quase inacreditáveis da escola de Iasnaia Poliana deviam-se... ao talento excepcional e fascinante de ensinar e ao fogo interno vivificante de Leão Tolstói que conquistava e elevava consigo a inteligência mais indolente, o coração mais sensível (MARKOV, 1900, p. 582).

Egorov (1988) salienta que além de estudar pensadores russos também estudavam pensadores estrangeiros que deixaram ensinamentos pedagógicos significativos, entre eles estavam: Komenski, Rousseau, Pestalozzi e Uchinski. A experiência da qual se apropriou viajando pela Europa e analisando seus métodos de ensino, foi o seu ponto de partida ao trabalhar em Iasnaia Poliana. “L. Tolstói compreendia perfeitamente que a mudança dos métodos de ensino numa escola não significava a transformação do sistema geral de instrução na Rússia”. (EGOROV, 1988, p. 20).

Para Tolstói o ensino é um processo complexo, e necessário. O professor nunca estará preparado para ensinar com total clareza ao aluno, é necessário que o educador esteja em pleno desenvolvimento das ações e esteja em formação contínua. Em Iasnaia Poliana, Tolstói fazia experiências para o seu grande sonho de instruir a toda população russa. “O autor via na experiência da escola de Iasnaia Poliana a base para a elaboração do conhecimento pedagógico e, ao mesmo tempo, um meio para construir o edifício da futura instrução popular” (EGOROV, 1988, p. 21).

Egorov (1988) discorre que nas salas de aula não existiam regras nem mapeamento de sala, os alunos poderiam se acomodar onde quisessem além de não levarem tarefa para casa. O aprendizado era com ênfase apenas no momento em que estivessem na escola. Os alunos eram felizes, pelo simples fato de estarem ali, e a escola os acolhia. O professor era responsável por incentivar a criatividade e o saber do aluno.

A escola, para o estudioso russo é aquela que aproxima o conteúdo científico da vida cotidiana daquele aluno, “Segundo Tolstói, uma das tarefas mais importantes

da escola consiste em fazer com que a criança possa levar as impressões da vida que o rodeia para a esfera da sua consciência” (EGOROV, 1988, p. 27). Os professores de outras escolas e também os professores novos que ingressavam para trabalhar na escola de Iasnaia Poliana, não se acostumavam facilmente com o método libertário.

Ainda nessa época, Egorov (1988) assevera, que Tolstói não mediu esforços para que as autoridades aceitassem a organização de uma sociedade que reunisse as forças sociais e que tornasse real a instrução geral do povo no país. Apresentou a organização dessa sociedade em uma carta a E.P Kovalevski em 1860, explicando os três objetivos centrais: “difundir a instrução entre o povo; publicar uma revista pedagógica; criar escolas nos lugares onde não houvessem e onde fossem necessárias; elaborar o conteúdo da instrução; preparar professores: garantir meios materiais à escola e a toda direção do sistema de instrução do povo” (EGOROV, 1988, p. 16).

De acordo com Tolstói (1988), em junho de 1861, passou oficialmente a desempenhar, no seu distrito, o cargo importante de mediar os conflitos que aconteciam entre os camponeses e os latifundiários. Defendia os camponeses e através disso e também de seus trabalhos pedagógicos criava inimizades entre os que possuíam mais poder. No verão de 1862, a escola de Iasnaia Poliana foi invadida pela polícia:

O professor E. Markov, que lecionava nessa escola, falou dele como de uma terrível invasão. Os policiais viraram de pernas para o ar e revistaram todas as mesas, armários, malas e caixas. Na cavalaria, levantaram todo o soalho; nos lagos do parque tentaram “pescar” uma máquina de imprimir onde, diziam eles, era impressa literatura ilegal. Mas, em vez de máquina, nas redes nadavam carássios e lagostins inocentes (EGOROV, 1988, p. 22).

Decorrente dessa invasão, Egorov (1988) pontua que o pedagogo russo ficou profundamente entristecido e ofendido. Dirigiu-se ao czar Alexandre II, exigindo que ele lhe desse explicações sobre tal ação brutal, mas, sem respostas, convenceu-se de que era impossível continuar com suas atividades na escola.

Em 1868, quando finalizava o seu romance literário Guerra e Paz, como ressalva Egorov (1988), Tolstói produziu um livro de leitura para a escola popular, com contos, essas novas ideias pedagógicas pensadas por Tolstói, são de extrema importância, visto que naquele período na Rússia não existiam manuais que

orientassem o ensino e aprendizagem. Durante os anos seguintes, elaborou o seu plano geral, os princípios metodológicos. No outono de 1871, começou a escrever o livro *Abecedário*. No fim desse ano entregou o manuscrito à tipografia.

O *Abecedário* é um conjunto de materiais didáticos dividido em quatro livros: 1) o *Abecedário* ou *Cartilha*, 2) os textos para o ensino primário, 3) textos eslavos, 4) materiais para ensinar a contar, assim como recomendações para o professor. Esta obra de Tolstói é o resultado de um trabalho criativo de muitos anos, uma espécie de enciclopédia de conhecimentos para as crianças mais pequenas. Aí, o autor explica, sob a forma de generalização artística, as mais simples noções de física, química, zoologia, fala da vida das plantas, dos sentimentos do homem e dos animais, dos fenômenos de magnetismo, da eletricidade, etc (EGOROV, 1988, p. 23).

Em abril de 1874, conta Egorov (1988) que Tolstói enviou uma carta ao Ministério da Instrução manifestando a sua vontade em elaborar um programa de um plano de ensino para as escolas superiores que formariam os futuros pedagogos. Tolstói dedicou-se constantemente à escola e à pedagogia, e em certo período acabou não encontrando compreensão tanto com as autoridades quanto com sua família. Discorre Egorov (1988, p. 24):

A sua esposa, Sofia Anfreevna, nas cartas de 1874, queixava-se aos parentes do seu marido se ter dedicado completamente à instrução do povo, consagrando-se de manhã à noite, aos problemas da escola. Ela duvidava que isso fosse útil e não o compreendia. Mas essa atitude da esposa não fez parar L. Tolstói. Ia para a escola, ia ter com os filhos dos camponeses, convencido da importância do ensino.

O autor estava inteiramente ligado e envolvido com a prática pedagógica, algo que lhe proporcionava felicidade. Relata Egorov (1988) que, no final do ano de 1874, L. Tolstói dedicou-se ao seu *Novo Abecedário* que foi publicado em maio de 1875, e aprovado pelo Comitê Científico do Ministério da Instrução com o intuito de ser aplicado em todas as escolas primárias da Rússia. Este *abecedário* era contemplado como um modelo de simplicidade para o povo e continham ideias que mostravam a verdadeira realidade da vida dos seus alunos camponeses. Tolstói via nesse livro uma maneira não apenas de ensinar a ler e a escrever mecanicamente, através das lições, mas, sim, um meio de despertar o interesse pelo conhecimento na criança, bem como relacionar suas vivências com os conteúdos e ensinamentos que a escola propunha.

A leitura mecânica é parte do ensino da língua. Pensamos que o ensino da língua tem por objetivo levar os alunos à compreensão do conteúdo dos livros escritos em linguagem literária. O conhecimento da língua literária é indispensável porque nela estão escritos os bons livros (TOLSTÓI, 1988, p. 88).

Em 1876, o autor pediu autorização ao Ministro da Instrução para que pudesse aplicar cursos pedagógicos para a formação de professores na escola de Iasnaia Poliana. A inauguração desses cursos, prevista para o outono de 1877, não ocorreu como o esperado devido à falta de alunos que as autoridades mandaram para esta prática. “Isto não é de estranhar se tiver em conta a atitude hostil dos latifundiários das redondezas para com todas as iniciativas de Tolstói no campo da instrução” (EGOROV, 1988, p. 26).

Egorov (1988) afirma que o autor sonhava com uma escola que valorizasse a felicidade das crianças, a sua curiosidade e receptividade para com os ensinamentos, e que também fosse capaz de desenvolver o pensamento independente, para a formação da sua personalidade relacionada aos ideais humanistas:

Tolstói considerava que a escola ideal é aquela que não se isola da vida, mas que, pelo contrário, vê nela a garantia do seu trabalho frutífero. A atividade real e as impressões a ela ligadas são para a criança uma fonte de conhecimento tão rica como os programas escolares, que nem sempre conseguem acompanhar as necessidades sociais. Segundo L. Tolstói, uma das tarefas mais importantes da escola consiste em fazer com que a criança possa levar as impressões da vida que o rodeia para a esfera da sua consciência (EGOROV, 1988, p. 27).

Atualmente ainda há discussões em torno da herança das ideias deixada por Tolstói, “de seu conceito de progresso, liberdade da educação e outros problemas sócio pedagógicos. As contradições da realidade social na Rússia da época de Tolstói foram a causa primeira de discussões contraditórias” (EGOROV, 1988, p. 26). Relata Maia (2010, p. 23) que:

Seus romances, seu teatro, seus pensamentos têm a capacidade de favorecer a criatividade humana e proporcionar ao homem uma experiência com a emoção e com o saber. Essa capacidade é própria do educador – que “alimenta” seus alunos com o que há de melhor nas artes, nos livros, na natureza e na socialização do saber – Tolstói lidava com maestria e, por isso, seu nome deve ser reverenciado, posto que, suas contribuições já se encontram eternizadas na vida e na história.

Conforme Egorov (1988), a herança literária e pedagógica de Tolstói só esteve ao alcance de todos depois da vitória da Revolução Socialista de Outubro de 1917 na Rússia. As obras literárias de Tolstói estão presentes nos programas de todas as escolas do ensino geral da União Soviética e o estudo de suas obras pedagógicas é direcionado a todos os planos de estudos de cursos e ensinamentos especializados como uma formação de professores para quem já atua na área, bem como para alunos que futuramente se tornarão pedagogos e professores das escolas gerais, técnico-profissionais, e das instituições de ensino pré-escolar e extra-escolar.

A obra de Lev Tolstói foi um grande passo no desenvolvimento cultural da humanidade e seu projeto de educação contribuiu de forma significativa para o ensino. Podemos perceber que toda contribuição voltada para o desenvolvimento humano há que se entender como importante. Mesmo que em alguns momentos a contribuição seja vista como polêmica ou contraditória, ela servirá para gerar mudanças no modo de ver e pensar a realidade, levando a educação a um desenvolvimento que contribuirá na humanização de futuras gerações (MAIA, 2010, p. 25).

Sendo assim, as obras de Tolstói, tanto suas produções literárias como pedagógicas, contribuíram de uma maneira importante para o movimento da sociedade, e contribuem até hoje para a formação dos alunos e também de professores em cursos de formação contínua.

2.2 A REVISTA DE IASNAIA POLIANA: ARTIGOS PEDAGÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os benefícios da Revista de Iasnaia Poliana para a comunidade camponesa em prol de uma educação não apenas para os filhos dos camponeses, mas para todos que vivem nesta comunidade.

Tolstói se preocupava com que todos tivessem ciência do que a escola estava proporcionando para aquelas crianças, para isso a revista dava informes sobre como as crianças eram ensinadas e o que os professores ensinavam, além de redigir textos que a comunidade pudesse compreender e se sentir importante no processo educativo.

Discorre Egorov (1988) que a maior parte dos artigos pedagógicos escritos por L. Tolstói, foram publicados na revista de Iasnaia Poliana, visto que “A revista levantava problemas do processo pedagógico real cuja análise tinha grande importância para a pedagogia como ciência” (EGOROV, 1988, p. 21).

Tinha-se em vista artigos sobre formas e métodos de educação extra-escolar; sobre o emprego na vida real dos conhecimentos aprendidos pelos alunos na escola; sobre as causas dos sucessos ou fracassos no ensino; sobre os livros que gozavam de popularidade entre o povo; sobre as descrições científicas das escolas populares analisando os seus méritos, falhas típicas, etc (EGOROV, 1988, p. 21).

Os artigos que Tolstói escreveu para a revista eram relacionados diretamente à educação popular e às práticas pedagógicas. De acordo com Tolstói (1988), em 1 de janeiro de 1862, foi editada a revista de Iasnaia Poliana, que continha duas publicações separadas, uma com artigos científicos que possuía conhecimento mais aprofundado sobre a pedagogia e o outro com artigos populares, para o fácil acesso do povo, para que eles pudessem saber o que estava sendo realizado na escola.

Salienta Tolstói (1988) que os professores que ajudaram na revista, foram os professores da escola de Iasnaia Poliana, apenas aqueles que consideram a sua profissão um meio de trazer o desenvolvimento e melhores condições de vida a essas pessoas através do ensino e que não apenas o façam por ser seu dever, mas por amor aos demais.

Tolstói (1988, p. 35), explica a organização da revista:

A revista conterá: Na rubrica da Escola: informações sobre todas as experiências, êxitos e fracassos dos novos métodos de ensino na escola de Iasnaia Poliana e na escola secundária de Tula, sobre algumas disciplinas cujos professores prometeram colaborar e enviar resenhar críticas dos artigos de pedagogia. Na rubrica do Livrinho: os artigos de todo o tipo – originais, traduzidos, modificados e simplesmente tirados de outras publicações, que passem a crítica do povo reunido na nossa escola e que, segunda a nossa convicção, não vão contra os princípios do bom gosto e a moral severa.

Nesta revista, estaria presente todo o tipo de informação da escola de Iasnaia Poliana, todos os métodos aplicados na escola, fracassos e sucessos juntamente com o esclarecimento das disciplinas que serão desenvolvidas, para que a população tenha plena consciência e interesse pelo que está sendo ensinado.

Mais uma vez, Tolstói se preocupava em alfabetizar a todos e possibilitar uma educação para os camponeses, pois só assim poderiam abrir os olhos para as injustiças que estavam acontecendo ao seu redor e pudessem reivindicar seus direitos e viver uma vida plena e humanizadora, com aprendizado, educação, desenvolvimento e cultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou com um relato da nossa trajetória que levou à consolidação do tema de nossa pesquisa, seguido de uma amostra dos estudos iniciais realizados anteriormente referentes aos aspectos econômicos, políticos e sociais da Rússia no período de vida de Lev Nikolaievich Tolstói, bem como sua biografia e suas principais obras que o tornou um dos escritores mais reverenciados da época e dura até hoje; em seguida, foram discutidos os principais pensamentos de Tolstói para transformar a antiga sociedade fundada num bruto capitalismo em uma sociedade para todos através de uma educação para os que mais necessitavam, isto é, os camponeses.

Na sequência, tratamos dos principais aspectos da escola criada por Tolstói em Iasnaia Poliana na região de Tula, bem como os materiais utilizados para alfabetizar nesta mesma escola que foram criados pelo autor no decorrer de sua vida. A escola de Tolstói era uma escola libertária que formava o aluno para a vida social, através de materiais, legítimos e conceituados como ricos e enriquecedores para toda a população e inclusive para o seu público alvo, os camponeses, pois através da educação, eles poderiam se desenvolver e atuar em sociedade de maneira a reivindicar seus direitos para o poder e ter uma vida plena.

Também discorreremos sobre a Revista de Iasnaia Poliana, responsável por informar a população russa sobre o que seus filhos aprendiam na escola e também era usada como instrumento para ensinar e envolver tanto as crianças de uma maneira mais eficaz, quanto os pais nas atividades da escola e nas atividades produzidas por seus filhos.

O período em que Tolstói desenvolveu a sua atividade pedagógica era de caos no país, os que tinham maior poder, comandavam o campesinato não lhes dando nenhuma alternativa para o crescimento. Tolstói abandonou sua vida de conde e se dispôs a viver pelos pobres, pois para o autor era por meio da educação que a população conseguiria garantir o seu espaço na sociedade.

L. N. Tolstói produziu diversos materiais que contribuíram para a educação dos camponeses na época e até hoje se caracterizam como um importante exemplo para a educação contemporânea, pois através das suas disciplinas, atividades e de seus escritos é possível desenvolver a criatividade e o raciocínio dos alunos, os formando

para uma vida em sociedade, uma vida em prol dos direitos e uma educação para todos, inclusive para aqueles que mais precisam.

Os materiais e os escritos de Tolstói criados para a educação dos camponeses, hoje também são relevantes para a educação contemporânea, pois são materiais de qualidade, para uma educação de excelência, que abrange a todos os alunos e também aos professores nos cursos de especialização e formação contínua. Se os professores se apropriarem apenas de uma porcentagem da vontade de Tolstói de desenvolver o conhecimento para que os alunos possam ter uma vida digna, a educação terá um importante avanço histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2006.

ARRUDA, José Jobson de A. **Toda a História. História Geral e história do Brasil: o período entreguerras: a Revolução Russa**. São Paulo: Ática, 1998.

BENTOS, William. **Enciclopédia Barsa: Tolstói, Leão Nikolaievich, Conde**. 13. ed. Rio de Janeiro: São Paulo, 1967.

CASA STEFAN ZWEIG. **Biografia**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_biografia.php?language=pt_BR>. Acesso em: 5 out. 2015.

CHAVES, M. **A formação e a educação da criança pequena: os estudos de Vigotski sobre a arte e suas contribuições às práticas pedagógicas para as instituições de educação infantil**. 2011. 72f. Trabalho de Pós-Doutoramento – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, 2011.

CHAVES; M.; SILVA, C. A.; STEIN, V. **Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil (GEEI): contribuições para a formação do pedagogo**. Maringá, 2013.

E-BIOGRAFIAS. **Mahatma Gandhi**. Disponível em: http://www.e-biografias.net/mahatma_ghandi/>. Acesso em: 6 out. 2015.

DICIONÁRIO POLÍTICO. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/lenin.htm>>. Acesso em: 15 out. 2015.

EGOROV, S.F. (Org.). **Ideias Pedagógicas de L. N. Tolstói**. Obras Pedagógicas. Moscou: Edições Progresso, 1988.

ENGELS, F. Do social na Rússia. In: _____. **Obras escolhidas em três tomos - tomo II**. Lisboa: Editorial Avante, 1982. p. 419-444.

MAIA, Claudemir Valério. **Contribuições de Lev N. Tolstói para Formação Educacional do Homem Russo**. 2010. 32f. Monografia (Especialização em Teoria Histórico-Cultural) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2010.

MARKOV, E. **“Espírito vivo na escola”**. Mensageiro da Europa, 1900.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura**. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: (I-Feuerbach)**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MAYRINK, Graciela. **Quando o vento sumiu**. Vida e Obra. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=626484>. Acesso em: 5 out. 2015.

MILAN, Pietro. **Segundo Plano**. Disponível em: <<http://segundo-plano.com/livro-anna-karenina/>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil, 1999. v.1 A-I Índice. il. (Barsa). Obra em 18 volumes; ISBN 8570264801 v. geral. ISBN v.1 Micropédia 8570264682.

RABELO, Belkiss. **As Cartilhas e os Livros de Literatura de Lev N. Tolstói**. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SERIACOPI, Gislaine Campos Azevedo. **História**: volume único: livro do professor: a revolução russa. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Aline Aparecida da. **Nadezhda Krupskaja**: contribuições para a Educação Infantil na atualidade. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

TOLSTÓI, L. N. **Obras Pedagógicas**. Tradução de J. M. Milhazes Pinto. Moscou: Edições Progresso, 1988.

VICENTINO, C. **Rússia**: antes e depois da URSS. São Paulo: Scipione, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WOOD, A. **As origens da Revolução Russa de 1861 a 1917**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1991.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: Editora L&PM, 2007.